

“O geógrafo moderno tem no centro do seu pensamento a busca das respostas, já que os porquês o cercam permanente.”

Aroldo de Azevedo

O pensamento geográfico de Aroldo Edgard de Azevedo, proeminente nome da Escola Paulista de Geografia, compreende-se a partir do rasgo acadêmico e pedagógico trazido de ultramar pelos geógrafos franceses por ocasião da instalação do ensino universitário no Brasil, em 1934.

A influência da escola francesa de geografia sob os auspícios teórico-metodológicos propalados por Paul Vidal de La Blache é fato incontestável que acompanha o alvorecer do primeiro curso superior de Geografia do país, criado na Universidade de São Paulo, e lhe dita o tom ao longo das quatro décadas seguintes.

Durante esse período, expressivos nomes como Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig, Emmanuel De Martonne, Roger Dion, Le Lannou, Pierre Gourou, Louis Papy, Francis Ruellan, entre outros, amoldaram a geografia brasileira com o cunho descritivo, mecanicista e funcionalista que inspirava uma ciência pretensamente objetiva e neutra a guiar os procedimentos investigativos de uma “Geografia Moderna”.

Ao discorrer sobre as linhas de pesquisa do Departamento de Geografia da USP, Antonio Carlos Robert Moraes salienta:

Fundado por mestres franceses, tendo por modelo a estrutura dos departamentos/cátedras em que estes se formaram e por doutrina o possibilismo lablacheano, o DG jamais conseguiu sair da órbita de influência da geografia produzida em França. Sequer conseguiu assimilar, mesmo que marginalmente, outras orientações teóricas. Do mesmo modo que a geografia francesa, a geografia brasileira pensou-se como uma extensão da Escola Normal, tendo por público-alvo o docente do ensino fundamental. Também como esta incorporou fenomenal simpatia pelo empirismo, elegendo por modelo básico de pesquisa a monografia regional. (Moraes, 1994)

Em acurado estudo acerca da obra de Aroldo de Azevedo, Wilson dos Santos aponta os preceitos positivistas-funcionalistas da “moderna geografia francesa” atuando como centro de gravidade da produção geográfica e didática do geógrafo lorenense e seus contemporâneos.

Do arcabouço positivista, Santos (1984) extrai três lineamentos:

- a) a naturalização dos fenômenos humanos, situando o homem como um elemento a mais na paisagem;
- b) a abordagem sintética-classificatória, na qual a visão de conjunto se estabelece a partir de um raciocínio analítico responsável pela simplificação do real aos seus elementos primordiais; e
- c) o estabelecimento de princípios como tentativa de retomada da unidade

Da inspiração funcionalista, o mesmo autor evidencia outros três:

- a) a paisagem é vista como um organismo e ao geógrafo cabe estabelecer o seu retrato “vivo”;
- b) há uma unidade funcional terrestre a exigir de cada fator o exercício do papel necessário ao bom funcionamento do sistema;
- c) as diferenças entre áreas e paisagens geográficas se dão em função de uma pluricausalidade compreendida como elemento configurador das diferentes epidermes regionais terrestres.

Dos preceitos apontados nasce uma epistemologia de base empirista que direciona o método como uma infalível disposição de etapas com ordenamento invariável, tal como uma receita testada, aprovada e, portanto, justificada em seu pré-estabelecimento.

“... os geógrafos brasileiros, devidamente orientados pelos mestres franceses junto aos cursos de geografia criados no Brasil a partir de 34, já contavam com todo um receituário metodológico para desenvolver as tarefas necessárias a um conhecimento empírico mais amplo e em moldes mais sistemáticos do território nacional. E é claro que esse contexto se dava em função dos interesses e das necessidades das classes dominantes que se encontravam, na época, absorvidas no processo de levantamento das potencialidades brasileiras e da consolidação do poder político do Estado sobre o espaço geográfico nacional. Portanto, combinou-se a disposição dos recursos metodológicos com as necessidades práticas, resultando, assim, no aperfeiçoamento do ensino, na divulgação dos métodos e na execução dos

trabalhos empíricos. É, pois, de todo esse contexto [...] que surgiu a obra de Aroldo de Azevedo e a produção geográfica dos membros de sua geração acadêmica, todos empenhados num amplo trabalho de reconhecimento dos fatos da paisagem geográfica brasileira.” (Santos, 1984, p. 60)

Nesse contexto, o *savoir-faire* que define o ofício de geógrafo é assim esclarecido por Aroldo de Azevedo:

“ [...] a Geografia Moderna é uma Geografia muito mais real e exata. Depois de localizar, descreve e interpreta a paisagem, com tudo quanto a caracteriza, por mais simples que seja. Interessa-se por detalhes do relevo ou da vegetação. Focaliza o homem na sua vida rotineira e naquilo que a luta pela existência o levou a construir [...] realiza um estudo real da paisagem terrestre”. (Dez anos de ensino superior de Geografia. Revista Brasileira de Geografia, VIII, n. 2, Rio de Janeiro, 1946, p. 231)

Em outro artigo, reitera:

“ [...] a Geografia moderna [...] não se contenta em descrever, ela explica. E na ânsia de explicar a paisagem, que nos cerca e onde nos movemos, o geógrafo é obrigado a ir para o campo a fim de verificar e analisar os fatos, completando suas próprias pesquisas com as observações de outros especialistas e com a interpretação minuciosa de levantamento aerofotogramétrico, que muitas vezes mostram o que os nossos olhos, no terreno, não podem ver [...]” (Em defesa da Geografia. Boletim Geográfico n. 168, Rio de Janeiro, 1962, p. 292-293)

“Esse é, sem dúvida, o tipo de discurso produzido pela geração de Aroldo de Azevedo: a linguagem é clara e bem cuidada, o estilo segue as normas convencionais da descrição pormenorizada dos fatos observados na paisagem entremeada por sugestivas fotografias e cartas geográficas. A meta é apreender os traços considerados essenciais da fisionomia da área, apresentar um instantâneo da paisagem da maneira o mais fiel possível, objetivamente, sem tomar partido a respeito das situações-problemas.

[...] Os fatos essenciais são evidentemente, os elementos visíveis da paisagem que possam resultar na apreensão da fisionomia dos lugares, de acordo com os ensinamentos lablachianos”. (Santos, 1984, p. 70-71)

Amoldada a uma ciência de síntese que privilegia o fenomênico em oposição ao abstrato, a Geografia do Prof. Aroldo de Azevedo privilegia a demonstração dos fatos que, a seu ver, justificaria *per se* a finalidade pragmática da ciência vidaliana. Daí quase 50% de seus trabalhos serem de caráter empírico e sempre respeitarem a uma espécie de “plano sumário” representado no seguinte esquema prescritivo:

- a) descrição e interpretação dos fatos da paisagem natural através da análise de seus componentes e interações;
- b) superposição dos fatos humanos numa tentativa de relacionar homem x meio;
- c) estudo das condições econômicas;
- d) conclusões

Em *Os subúrbios orientais da cidade de São Paulo*, sua tese de cátedra apresentada junto ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1945, lê-se:

“Descrevendo a paisagem e procurando interpretá-la, tentamos demonstrar que dos assuntos mais ingratos é sempre possível tirar alguma coisa de útil e de interesse para o conhecimento humano.” (in: Santos, 1984, p. 68)

Sobre o caráter prático-utilitarista dado à ciência por Aroldo de Azevedo, diz Santos (1984, p. 64):

“... a produção de Aroldo de Azevedo é bem uma exemplificação das preocupações da geografia tradicional brasileira. Assim, num de seus derradeiros documentos, a par com a sua permanente apologia das ‘concepções da geografia moderna’, o nosso autor arremata-lhe um extenso cunho pragmático que descamba para todo um repertório infindável de utilizações práticas de sua ciência, em função das inumeráveis paisagens e fatos geográficos da superfície terrestre e respectivos ramos especializados da ‘geografia moderna’. E, desde que, tanto a metodologia positivista quanto a funcionalista apregoam a neutralidade do papel da ciência dentro do espírito do liberalismo burguês, nada mais correto que um discurso acrítico, eminentemente técnico, sem preocupações de relacionar tais estudos geográficos com as questões sociais e econômicas pertinentes com a realidade brasileira. Mesmo porque, tais perspectivas concordavam com a postura de uma elite ilustrada, apta a realizar uma apreciação quase estética dos cenários da paisagem, entremeada por laivos utilitários”.

Esta absorção dos propósitos e do *modus operandi* da Geografia Francesa explica-se, ainda segundo Santos, pela combinação de fatores que atrelam a produção intelectual à visão de mundo de um certo grupo social que se instalou na universidade brasileira.

Referenciado na obra de Lucien Goldman, Karl Mannheim e Silvio Bray, Santos postula a hipótese de que o sentido de textos e documentos não se faz por mera abstração, mas por inserção dos mesmos no conjunto da obra do autor, ligando conjuntura histórica, biografia do autor e sua produção intelectual. Destarte, o que importa é descobrir de que modo e em que medida o pensamento de um autor reflete as concepções científicas e ideológicas de seu tempo.

Admitida esta formulação, transfere-se para o plano da compreensão algumas idéias de Aroldo de Azevedo concernentes ao liberalismo econômico, ao imperialismo capitalista, à crença na superioridade racial/cultural do elemento branco, à exaltação das potencialidades brasileiras num elevado sentimento de nacionalismo patriótico e ao caráter positivo de sua ciência de profissão.

Aroldo de Azevedo era um herdeiro de sua época, uma exemplificação dos valores consoantes com o pensamento “elitista e liberal da Universidade que respondiam positivamente às suas expectativas e perspectivas advindas de sua formação e de sua ascendência” (Santos, 1984, p. 57)

Uma breve retomada de sua produção acadêmica evidencia a tradução deste pensamento numa diversificada temática com o predomínio dos textos geográficos pontuados por alguns trabalhos históricos, políticos e de biografias de seus familiares.

No período compreendido entre 1934 e 1974, Aroldo de Azevedo publicou 127 livros e artigos. Do total, 23,6%, ou seja, trinta títulos correspondem a livros didáticos. Entre as décadas de 1940 e 1960, concentram-se 95% da produção bibliográfica de Aroldo de Azevedo, sendo que a década de 1950 responde por 45% de sua produção total. Os anos 40 (24%) e 60 (26%) também foram prolíferos.

Tematicamente, os estudos urbanos ocupam o organizador de *A Terra e o Homem* em 31% dos títulos. Seguem-se-lhe o item Metodologia e Pensamento Geográfico (11%), Ensino (11%), Críticas e Comentários (10%), Geografia Regional (9%) e Biografias de seus próprios familiares (9%).

Cronologicamente, os estudos de Aroldo de Azevedo concentram-se em temas urbanos durante as décadas de 1940-50 e guinam para as biografias na década de 1960.

O quadro-resumo abaixo exige, cronológica e tematicamente, a distribuição das publicações de Aroldo de Azevedo em um interregno de quarenta anos.

Temas/Anos	34-39	40-49	50-59	60-69	70-74	Total
Geografia Urbana	-	6	19	5	-	30
Ensino	2	5	2	2	-	11
Pensamento e Método	-	2	4	5	1	12
Críticas e Comentários	-	3	7	-	-	10
Geografia Regional	-	3	5	1	-	9
Biografias	-	-	1	7	-	8
Geografia do Brasil	-	-	1	3	1	5
Geografia Histórica	1	2	1	-	-	4
Geografia Física	-	1	3	-	-	4
Geografia Política	-	2	-	-	-	2
Geografia Econômica	-	-	-	2	-	2
Total	3	24	43	25	2	97
Livros Didáticos	8	7	5	7	3	30
Total Geral	11	31	48	32	5	127

A primeira obra didática de Aroldo de Azevedo, e aliás seu primeiro livro publicado, em 1934, pela Companhia Editora Nacional, teve tiragem de 10.000 exemplares e foi rapidamente acolhida nas escolas e, partindo de então, outros 29 títulos e 12 milhões de livros foram publicados, sempre pela mesma editora.

Os livros didáticos de Aroldo de Azevedo, em sua maioria, eram destinados ao público ginásial e colegial. Apenas um título foi orientado para o antigo ensino primário.

O item destacado por Santos (1984) para os livros didáticos realça a importância dos mesmos sob triplo aspecto:

- colocação do nome de Aroldo de Azevedo como um expoente nacional no mercado editorial de livros escolares;
- disseminação da ciência geográfica tal como assimilada pelo autor, visto que os livros privilegiavam o rigorismo científico aos objetivos didático-pedagógicos;
- formação de uma consciência geográfica, a partir dos bancos escolares, em milhões jovens brasileiros.

Acerca do segundo aspecto, não é a mesma a visão de Bernard Issler para quem Aroldo de Azevedo faz uso de linguagem simples, terminologia correta e estilo próprio, agradável e motivador.

Em sua tese de doutoramento, Issler afirma:

“O período em que vigorou a reforma Capanema, de 1942 a 1962 (sic), foi a época de maior repercussão dos livros didáticos de geografia de autoria do Prof. Aroldo de Azevedo [...] O trabalho [...] se caracteriza por uma renovação nos padrões gráficos, seguindo a linha pioneira de Delgado de Carvalho. Redigindo seus trabalhos em linguagem simples e empregando corretamente a terminologia geográfica, o autor soube apresentar a geografia em um estilo próprio, agradável e motivador, conseguindo ao longo de quatro décadas divulgar por todo o Brasil, entre as gerações contemporâneas, uma geografia atualizada, precisa e documentada. As suas obras tiveram, no período considerado, a preferência absoluta do magistério brasileiro de geografia e a sua adoção na maioria das escolas fez com que se sucedessem centenas de edições. O magistério que adotava essa coleção, servia-se também dos seus volumes para a documentação e preparação das atividades escolares, fato que não deixa de ser meritório na medida em que contribuiu para o aperfeiçoamento geográfico de professores sem formação especializada e que, por muito tempo, constituíram a maioria do corpo docente dessa matéria na escola secundária. Os trabalhos do prof. Aroldo de Azevedo muito embora elaborados em linguagem didaticamente adequada aos níveis de escolaridade a que se destinavam, filiam-se muito mais ao espírito da Geografia como ciência, do que como conteúdo geográfico voltado para intenções pedagógicas. Seu apego e devoção ao espírito da ciência geográfica, inspirado nos grandes autores deste século [...] levou-o a produzir obras cujo maior mérito foi o de divulgar a Geografia, sem fazer concessões a exageros ou fantasias. Esta tendência predominou sobre o possível tratamento que as obras poderiam ter recebido no sentido de tornarem mais prático e menos textual o ensino da geografia. A ausência de sugestões de trabalho e atividades que propusessem pesquisa geográfica, para levar o aluno a identificação da geografia com o meio em que vive, e a falta de estímulos a correlação ou abertura da geografia para com as demais disciplinas da escola média, foram lacunas que impediram maior valorização da obra de geografia de maior penetração na massa da juventude brasileira”. (Issler, 1973, p. 181-2)

Geógrafo, professor, biógrafo, autor de livros didáticos, ativo participante em simpósios e congressos, idealizador e diretor de instituições voltadas para o desenvolvimento e divulgação da ciência geográfica, Aroldo de Azevedo é nome de escol da geografia brasileira e, certamente, no ano centenário de seu nascimento, tem assento garantido no panteão dos grandes vultos das ciências humanas no Brasil.

Concluimos com Wilson dos Santos, em sua análise da vida e obra de Aroldo de Azevedo, ao dizer:

“Seja como for, não se poderia deixar de registrar que a produção geográfica de Aroldo de Azevedo, bem como a de sua geração, cumpriu, de certa forma, os seus objetivos. Deixando de lado as perspectivas críticas que poderiam ter enriquecido sobremodo os seus trabalhos [...] um grande e necessário passo foi dado para o progresso da geografia brasileira, vez que as lacunas que existiam no período pré-universidade em relação ao conhecimento empírico da nossa realidade geográfica, foram em grande parte preenchidas. Assim, o reconhecimento do terreno tendo sido executado, a par com a montagem de toda uma infraestrutura acadêmica, as gerações contemporâneas podem avançar novos encaminhamentos graças ao trabalho da geração de Aroldo de Azevedo.” (Santos, 1984, p. 73-4)

Referências:

Conti, José Bueno. *Aroldo de Azevedo*. In: Associação dos Geógrafos Brasileiros, Boletim Paulista de Geografia, n. 50, março de 1976, São Paulo, p. 31-35.

Ferracini, Rosemberg. *Ensaio de Geografia Humana na obra de Aroldo de Azevedo*. Anais do VIII Simpósio de Pós-Graduação em Geografia da Unesp. Rio Claro, 2008, p. 427-439.

Issler, Bernard. *A Geografia e os Estudos Sociais*. Tese de Doutorado, FFCLPP, Presidente Prudente, 1973.

Moraes, Antonio Carlos Robert. Departamento de Geografia: linhas de pesquisa. In: *Revista Estudos Avançados*, vol. 8, n. 22, sept/dec 1994.

Santos, Wilson dos. *A obra de Aroldo de Azevedo – Uma avaliação*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Unesp, Rio Claro, 1984, 94 p.